

## **Pesquisa etnomusicológica, práxis sonora e pesquisa ação participativa: discussões afrodiáspóricas entorno do debate político-epistemológico-metodológico**

MODALIDADE: Comunicação

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Etnomusicologia – Simpósio Temático 2.1.4.

Música e pensamento afrodiáspórico

Coordenação: Luan Sodré de Souza e Marcos dos Santos Santos

*Leonardo Moraes Batista*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

[leonardomoraesbatista@gmail.com](mailto:leonardomoraesbatista@gmail.com)

*Thamara Collares do Nascimento*

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)*

[thamaracollares.nave@gmail.com](mailto:thamaracollares.nave@gmail.com)

*Acsa Braga Costa*

*Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*

[acsabragac@gmail.com](mailto:acsabragac@gmail.com)

*Danilo da Cunha de Jesus dos Santos*

*Pró Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC – CPII)*

[danilo.cunhads@live.com](mailto:danilo.cunhads@live.com)

*Victor Hugo Costa Cantuaria da Silva*

*Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*

[victorh.cantuaria@gmail.com](mailto:victorh.cantuaria@gmail.com)

Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica - *Negô*

**Resumo:** Esse texto articula discussões entorno da pesquisa etnomusicológica, mediado por caminhos que advém de abordagens e perspectivas da pesquisa ação participativa (PAP), práxis sonora e etnografia. Utilizamos literatura internacional e nacional, para articular questões e abrir discussões ao que concerne à potencialidade da aplicabilidade participativa, engajada e aplicada que a pesquisa etnomusicológica pode ter, quando essa abordagem é efetivada. O texto é assinado por cinco pessoas negras que compõem o grupo de estudo e pesquisa *Negô*. Tencionamos e questionamos as dinâmicas de produção de conhecimento, vistas por ângulos interseccionais trazendo discussões travadas no debate das questões étnico-raciais, buscando descolonizar processos, a fim de pensar uma prática *outra*: de pesquisa etnomusicológica em diálogo com as questões interseccionais na/da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Pesquisa etnomusicológica; práxis sonora; pesquisa ação participativa; questões étnico-raciais.

**Ethnomusicological Research, Sound Praxis and Participatory Action Research: Aphrodiásporic Discussions Around the Political-Epistemological-Methodological Debate**

**Abstract:** This text articulates discussions around ethnomusicological research, mediated by paths that come from approaches and perspectives of participatory action research (PAP), sound praxis and ethnography. We use international and national literature to articulate issues and open discussions regarding the potential of participatory, engaged and applied applicability that ethnomusicological research can have when this approach is made effective. The text is signed by five black people who make up the *Negô* study and research group. We intend and question the

dynamics of knowledge production, seen from intersectional angles bringing discussions held in the debate of racial ethnic issues, seeking thus to decolonize processes in order to think of another practice: of ethnomusicological research in dialogue with intersectional issues in/of contemporary times.

**Keywords:** Ethnomusicological research; sound praxis; participatory action research; ethnic-racial issues.

## 1. Introdução

*A trajetória disciplinar da etnomusicologia tem como pressuposto o profundo interesse e respeito pela diversidade sociocultural e política de pessoas e grupos que se encontram em posição minoritária frente às hegemonias geopolíticas, vivendo processos contínuos de expropriação, seja ela territorial, patrimonial ou simbólica, seja ela estatal ou privada.*

(LÜHNING; TUGNY, 2016, p. 23)

Levando em conta a afirmação das autoras, no Brasil se articulam e se desenvolvem etnografias de práticas musicais mergulhadas em propostas ativistas com participação engajada e colaboração aplicada de pessoas e suas vozes, antes ausentes nos processos de produção e legitimação de conhecimento acadêmico, sendo então ativas nesse percurso.

Esse trabalho é recorte da pesquisa em andamento, de doutorado em etnomusicologia, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGM-UFRJ), com escrita participativa de cinco (5) jovens negros/as que possuem suas trajetórias de vida atravessadas pelas questões necropolíticas (MBEME, 2018), ensejadas por nuances interseccionais (AKOTIRENE, 2018). Um desses cinco autores é doutorando desse programa e formou o grupo de estudo e pesquisa, com pessoas negras praticantes na/da cena preta, noturna e da quebrada, imbuídas em participar ativamente, colaborativamente e engajadamente na pesquisa, por meio de produção coletiva de reflexões, texto e outras formas de intervenção individual e coletiva, junto à juventude negra e esfera pública.

Nós somos *Negô*. Trata de um grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica. É composto por Leonardo Moraes Batista doutorando em etnomusicologia pelo PPGM-UFRJ, Acsa Braga graduanda em letras pela UERJ, Victor Cantuaria graduando de dança pela UFRJ, Thamara Collares graduanda em pedagogia pela UNIRIO e Danilo dos Santos especializando em relações étnico raciais pelo CPII. Utilizamos de perspectivas etnomusicológicas dentro de uma dinâmica participativa/colaborativa/engajada mediada por dimensões democráticas, dialógicas, desobedientes e contracoloniais, enquanto metodologia de trabalho, na esperança

de que a nossa produção de conhecimento etnomusicológica, pode desenhar um (afro)futuro possível, para nós hoje e para os outros nossos que virão, considerando que a mesma, lida com o combate contra o racismo. Ou seja, um grupo de estudo e pesquisa, que desenvolve a etnografia das práticas musicais, da/na BATEKOO<sup>1</sup>,

A BATEKOO é uma plataforma de entretenimento, cultura e formação com foco na juventude negra, urbana e LGBTTTQIA+ que festeja e celebra o encontro de pessoas jovens negras, utilizando o batidão sonoro como percurso afroatlântico (GILROY, 2012), no qual gêneros musicais – *funk 150 BPM, hip-hop, rap, R&B, trap, reggae, twerk, afrohouse, bahia bass, dancehall, afrobeat, kuduro* – podem ser lidos como experiências de ampliações estético-sonoro-corpóreas.

Nesse escopo batidão, o enaltecimento da música feita por pretos/as para pretos/as é catalisador de empoderamento e libertação. A estética negra é ato político e se utiliza do enfrentamento corpóreo, poético e sonoro como processo de humanização do corpo negro, sem estereótipos, padronização e objetificação, o que a nosso ver corrobora para a construção de um discurso para um futuro diferente daquele que ancestralmente outrora tivemos, que ainda hoje vivenciamos. Ou seja, a BATEKOO é um espaço/encontro afrodiaspórico que transita entre a memória, por meio da conexão ancestral e uma reontologia, ou seja, pensar uma ontologia a partir da negritude focada em construir uma contranarrativa, que vai além das estruturas do racismo, tão demarcadas pela violência cotidiana, proveniente de um colonialismo sofisticado.

Objetivamos com esse texto levantar discussões e tensões ativadas pelo debate desobediente, democrático, dialógico, decolonial e antirracista, pois trabalhamos tensionando e questionando nossas próprias práticas como pesquisadores e pesquisadoras, na compreensão de que estamos reescrevendo caminhos e driblando das armadilhas perversas do eurocentrismo ainda impregnadas nas proposições e nas dinâmicas das práticas de pesquisa em música, que se utilizam da abordagem etnográfica. Em tal processo, persistiremos na inscrição reontológica a partir de perspectivas e caminhos de produção de conhecimento, apontando para um (afro)futuro possível.

## **2. O negrocídio como pauta/questão**

Metodologicamente, esse trabalho parte de revisão bibliográfica, sob prismas de nossas vivências tão demarcadas pelo racismo cotidiano (KILOMBA, 2019), estrutural e institucional (ALMEIDA, 2019). Articulamos aqui nossas escrevivências (EVARISTO,

2007), por compreendermos que nossas experiências como pesquisadores/as negros/as não estão desconexos ou distantes de nosso objeto de estudo – a BATEKOO; e tampouco dos modos como desenvolvemos o percurso da pesquisa.

Compreendemos que o genocídio do povo negro é uma realidade histórico-contemporânea, e este extermínio afeta de diversas formas as pessoas negras, gerando impactos individuais e coletivos variados. Kabengele Munanga (2012) afirma que o racismo é o “crime perfeito”, pois se utiliza das sutilezas das relações humanas para submeter pessoas negras às diversas formas de dominação: sexual, econômica, intelectual, subjetiva, dentre outras. Tais questões não podem passar despercebidas e tampouco não serem pautadas por nós, pois ainda sofremos com as agruras de um regime escravocrata implantado no Brasil.

A partir da dominação da intelectualidade, modo colonialista estruturado enquanto modernidade, observamos que se precisou de trinta edições de congressos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM) para termos um simpósio temático onde discussões étnico-raciais (em primeira instância) fossem mediadas por pessoas negras – “Música e Pensamento Diaspórico”. Este exemplo explicita as relações epistemicidas que sempre vigoraram na academia, mas que hoje começam a ser questionadas e desmanteladas.

Sobre epistemicídio, trazemos à baila as discussões da filósofa Sueli Carneiro (2005), que em sua tese de doutorado intitulada “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser” compreende que o “epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica

compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

Tomando a experiência do/a negro/a na estrutura de produção de conhecimento, é sabido que o racismo se efetiva, principalmente no que se refere às diversas maneiras como barreiras e impedimentos, como herança demarcada e sofisticada do colonialismo. O texto “*Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões*”, de Luis Ricardo Silva Queiroz (2017), aponta percursos do colonialismo excludente ainda impregnado nos cursos de formação em música do Brasil. Segundo o autor, “os resultados do estudo evidenciam fortes traços de colonialidade nos cursos de graduação em música do Brasil, tendo em vista o amplo domínio da música erudita ocidental nesse nível de ensino e a reprodução do modelo disciplinar como única estratégia de organização dos currículos” (p. 132). Nesse traço, podemos perceber que alguns percursos de pesquisa ainda seguem os ditames centroeurocêntricos para o desenvolvimento de suas dinâmicas – o que não é o nosso caso.

Como outro exemplo de ação racista com ecos epistemicidas, trazemos a questão apontada por XXX (2018)<sup>2</sup> acerca do parecer do XXIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), que rejeitou o trabalho de quatro autores negros, intitulado de *Educação musical, cultura e relações étnico-raciais: reflexões político-epistemológica-pedagógica*, para o Grupo de Trabalho de Epistemologia da Música, em 2017. Ressaltamos que a rejeição em si não é um problema, pois acreditamos na autonomia do comitê científico do referido evento. Queremos destacar o parecer racista dado ao trabalho, que julgou o texto como “vitimatório”, “messiânico” e “panfletário”. Assim, indagamos: quais colonizações conceituais, teóricas, epistemológicas e políticas que fazem parte da base de estruturas avaliativas de eventos científicos da área da música? Quem são os pareceristas? Existe um grupo representativo proporcionalmente entre brancos e negros avaliadores de trabalhos científicos?

Creemos, porém, que há um enorme caminho a trilhar contra o epistemicídio, que a partir de nossas escrituras, preferimos intitular como negrocídio – extermínio em diversificadas facetas dirigido a pessoas negras baseado em estereótipos raciais, derivados da opressão sociopolítica, educativo-cultural e econômica que impera nas diásporas que foram colonizadas e que mantêm a pirâmide social baseada na exclusão e segregação racial. E assim, concluímos essa sessão com algumas questões:

1. Existe espaço na academia (que em sua maioria é mediada por *ecos* da branquitude<sup>3</sup>) para uma pesquisa etnomusicológica que venha da quebrada, da periferia, dos lugares que não gozam de privilégios?
2. Pode pesquisador/a subalternizado/a etnomusicologizar?

### **3. Práxis Sonora para pensar uma abordagem decolonial**

Defendemos a concepção de que a pesquisa necessita, por parte de seus pesquisadores/as, de ampla aten(a)ção decolonial, especialmente quando propomos enquanto metodologia a abordagem da pesquisa ação participativa (PAP). Tomando ciência de que essa deve estar implicada com proposições assimétricas, plurais e dialéticas, compreendemos desde já que não há mais espaço para o desenvolvimento de pesquisas que desenvolvam etnografias de práticas musicais articuladas a certos individualismos e separatismos no que se refere à questão da autoria e da produção de conhecimento.

A etnomusicologia enquanto campo, que é feito por pessoas, tem realizado amplo debate entorno de questões relacionadas ao plano dialógico, democrático, decolonial e desobediente. Tece deslocamentos articulados às demandas emergentes e urgentes da contemporaneidade, orientadas por proposições que vão na contramão da hierarquização de abordagens, valorizando a diversidade e equidade dos processos metodológicos.

Esses debates podem ser acompanhados nas produções intelectuais do Grupo Musicultura, que “é um grupo de pesquisa que propõe uma abordagem sobre o estudo da música, da cultura e da sociedade, a partir de um enfoque particular sobre música e violência/conflito” (MIGUEL, 2018, p. 147). Esse, “constituído por pesquisadores seniores, alunos da Escola de Música da UFRJ e por jovens estudantes habitantes da Maré, que é também o universo de estudo dos pesquisadores/pesquisados” (MIGUEL, 2018, p. 149).

O Grupo Musicultura, para nós do *Negó*, é experiência viva de como proposições implicadas em atuar no campo das questões sociais podem gerar engajamento crítico, comprometimento social e humanizado em relação ao debate interseccional. Compreendemos que esse grupo trabalha com a abordagem da PAP intercalado ao conceito de Práxis Sonora, cunhado por eles/as, diante de suas experiências individuais e coletivas. Isto auxilia-nos a observar a experiência da BATEKOO em diversos níveis, cujo aspecto sonoro e o que gira entorno/com ele, é peça-chave para dinamizações e ações de nossa pesquisa. Buscando lentes para ampliação de nosso conhecimento e caminhos para seguir com nosso trabalho, o conceito de práxis sonora nos é pertinente.

Articulação entre discursos verbais e não verbais, ações e políticas sobre o som, apresentando-se, muitas vezes de formas sutis ou imperceptíveis, no cotidiano dos indivíduos (músicos amadores ou profissionais, não músicos, agentes culturais, empresários, legisladores), coletivos (coletivos de músicos, fãs, posições sociais profissionalmente relacionadas) e instituições (empresas, sindicatos, agências governamentais ou ONGs, conselhos comunitários, escolas). (ARAÚJO; GRUPO MUSICULTURA, 2010, 219-220)

Mediados pelas leituras dos textos publicados por Araújo e o Grupo Musicultura (2006a, 2006b, 2010, 2015) observamos que o conceito de práxis sonora expande a ideia de música e articula, no âmbito da pesquisa, questões sociais do cotidiano, partindo da concepção que “[...] a sonoridade é entendida como parte integrante e integradora das relações sociais, exibindo o seu rastro político por meio de ações que propõem alianças, mediações e rupturas” (ARAÚJO; PAZ, 2011, p. 220).

A práxis sonora, como metodologia, tece implicações ao campo da pesquisa etnomusicológica, pois coloca em xeque e atenção, a demanda por caminhos mais plurais ao que concerne a produção de conhecimento. Nossa compreensão é que diante das variantes sociais do cotidiano, tais como: indiferenças, violências, preconceitos, exclusões, injustiças, dentre outras, não se pode ignorar na pesquisa a ação política. Compreendemos que esse é um eixo central do/para o desenvolvimento de produções de conhecimento, no que concerne ao campo da etnomusicologia. Para encerrar essa sessão lançamos algumas questões que nos encaminham para uma colaboração radical, com a realidade social. A saber:

1. Qual é o papel da/do etnomusicólogo/a negro/a no Brasil na constituição de uma etnomusicologia brasileira?
2. Pode a pesquisa etnomusicológica mediada pelo conceito de práxis sonora, intercalada com questões interseccionais – raça, gênero, classe, sexualidade, romper com exercícios de silenciamentos, subalternidades e abissalidades?

#### **4. Uma Etnomusicologia Participativa/Engajada/Colaborativa/Aplicada – POLÍTICA**

Considerando que há uma vasta literatura produzida por pesquisadores/as motivados/as pelas agências de fomento à produção de conhecimento, no âmbito da Society for Ethnomusicology, International Council for Traditional Music e Associação Brasileira de Etnomusicologia, verificamos que existem tensionamentos em relação aos ditames epistemológicos e metodológicos correlacionados à pesquisa aplicada na antropológica e mais especificamente no âmbito da etnomusicologia, destacamos alguns deles (ARAÚJO, 2008,

2009, 2011, 2013, 2014; ARAÚJO; CAMBRIA, 2013; SILVA, 2009; DIRKSEN, 2012; SILVA, 2011; DUQUE, 2007; HARRISON; PETTAN, 2010; HARRISON 2012, 2014; LÜHNING; TUGNY, 2016; PETTAN, 2008; RICE, 2014; TITON; PETTAN, 2015; MENDONÇA, 2018).

Esses trabalhos defendem dinâmicas metodológicas implicadas com as pessoas, lugares e ações que esses/as demandam em seu cotidiano. Articulam em seus trabalhos dinâmicas que vão além ao colonialismo sofisticado na contemporaneidade. As publicações em destaque revelam proposições que caminham na via democrática e dialógica de produção de conhecimento, o que alimenta a discussão no campo da etnomusicologia.

No Brasil é possível encontrar trabalhos que possuem nuances participativas, com vínculos dialógicos com as políticas públicas, com a mobilização social, com a proteção de territórios e saberes, com o cotidiano acirrado por violências, no qual a questão política-epistemológica-metodológica de suas pesquisas são arraigadas de ativismo e responsabilidade.

Percebe-se nas publicações em destaque um exercício reflexivo e ativo no que concerne à pesquisa etnomusicológica, rompendo com certos positivismos tecnicistas que inicialmente fizeram parte da área, abrindo espaço para incursões de postura político-social no processo etnográfico. Aprendemos com essas pesquisas que não existe uma pesquisa “pura”. Compreendemos que o trabalho do etnomusicólogo na contemporaneidade, no Brasil, reque responsabilidade social com as formas de segregação e violências existentes nessa terra.

À guisa de finalização dessa sessão colocamos em xeque duas questões: a primeira versada por quem orienta essa pesquisa – Samuel Araújo – e a segunda, posta por nós, *Negó*. Tais questões são percursos de construção de nosso trabalho, como bases estruturantes. A saber:

1. “[...] devemos nos perguntar até que ponto é cabível hoje em dia, após décadas de argumentação contundente de correntes pós-marxistas, estruturalistas, modernas, coloniais, feministas, ‘gueis’ e inúmeras outras, a defesa de visões convencionais acerca da efetiva isenção do mundo acadêmico em relação às relações às pressões da vida mundana em geral e das lutas sociais em particular” (ARAÚJO, 2016, p. 13).
2. é possível produzir uma pesquisa etnomusicológica, escrita por cinco jovens com experiências da negritude, sem a impressão e as marcas da violência cotidiana e de partir da produção sonora afrodiáspórica da quebrada?

Desde já compreendemos que é necessário que nós, pesquisadores e pesquisadores não caíamos mais no período de uma única história contada até agora, essa que é hegemônica e supremacista, como nos lembra Chimamanda Ngozi Adichie (2018), sobre a ameaça que paira sobre nós ao concordarmos e legitimarmos em nossos fazeres uma única fonte, a eurocêntrica.

### **5. Considerações finais**

Por quase 400 anos, o processo de escravidão de pessoas negras arrancadas violentamente de seu continente, demarcou e ainda demarca, nos corpos negros diaspóricos, na contemporaneidade, cicatrizes que podem ser vistas nos mais diversificados extratos sociais. É uma violência que perdura até os dias de hoje. Sofisticada e com outras formas de escravização, principalmente a do conhecimento, eixo central do debate que pautamos no decorrer desse texto, nos leva a compreender que não temos a possibilidade de realizar uma pesquisa de “escritório” e, sim, com prática, na “quebrada”.

Ressaltamos que as questões postas aos finais de cada sessão desse texto, são caminhos indagativos para pensarmos proposições outras, para o campo da etnomusicologia, no Brasil, que é constituído por 54% de pessoas negras. Pessoas essas que ainda vivem à margem, em sua maioria, que ainda não ocupam os espaços proporcionais e representativos na academia. O que ressaltamos aqui são questões ao trabalho que desenvolvemos, enquanto grupo de estudo e pesquisa *Negô* e lançamos assim, também à área de etnomusicologia. Compreendemos por fim, que interseccionalizar a pesquisa é ato político urgente e emergente, principalmente com a vida daqueles/as que ainda estão à margem, no fio da navalha, as pessoas negras.

Fortalece-nos a ideia de que é, sim, um dos compromissos sociais da pesquisa etnomusicológica tratar da questão racial, e não só, mas das questões que são ainda atravessadas pela colonialidade, na contemporaneidade, dada a manutenção da discriminação racial, invisibilidade cultural e desigualdade social, geradas pelo patriarcalismo, capitalismo e colonialismo.

Por fim, compreendemos que, a partir das questões tencionadas por nós nesse texto, elas venham corroborar nos percursos contra colonizadores à colonialidade ainda fortemente empregada dentro da academia. Ressaltamos que esse processo é um movimento antirracista englobado por outros diversificados fatores que nesse texto fizeram parte. Com compromisso social e responsabilidade humana, sigamos na pesquisa ação etnomusicológica.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Julia Romeu. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Rio de Janeiro: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2019.
- ARAÚJO, Samuel. From Neutrality to Praxis. The shifting politics of Ethnomusicology in the contemporary world. *Muzikološki Zbornik*, 44 (1), p. 13-30, 2008.
- ARAÚJO, Samuel. Ethnomusicologists researching towns they live. In: Theoretical and methodological queries for a renewed discipline. *Journal of the Institute of Musicology of the Serbian Academy of Sciences and Arts*, 9, p. 33-50, 2009.
- ARAÚJO, Samuel. Etnomusicologia e debate público sobre a música no Brasil hoje: polifonia ou cacofonia? *Música e Cultura*, vol. 6, p 17-27, 2011. (Periódico indexado, disponível em: < <http://www.abet.mus.br/musicaecultura/> > Acesso em: 22 fev. 2020.
- ARAÚJO, Samuel. Entre muros, grades e blindados; trabalho acústico e práxis sonora na sociedade pós-industrial. *El oído pensante*, vol. 1, nº1, p. 3-15, 2013. Periódico indexado, disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante/issue/current>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- ARAÚJO, Samuel. Dimensiones políticas del dialogo intercultural: patrimonios de conocimiento y luchas sociales. In: CHAVES, Margarita; MONTENEGRO, Mauricio; ZAMBRANO, Marta (Orgs.). *El valor del patrimonio: mercado, politicas culturales y agenciamientos sociales*. 1ed. Bogotá: ICAHN, v. 1, p. 359-386, 2014.
- ARAÚJO, Samuel. Prefácio – O campo da etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador, BA: Editora UFBA, 2016. p. 7-18.
- ARAÚJO, Samuel. Public policy. In: STURMAN, Janet (Ed.). *The SAGE International Encyclopedia of Music and Culture*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc., 2019.
- ARAÚJO, Samuel; CAMBRIA, Vincenzo. Sound praxis, poverty, and social participation: Perspectives from a collaborative study in Rio de Janeiro. Special Issue on Music and Poverty, guest editor Klisala Harrison. *Yearbook for Traditional Music*, 45, p. 24-38; 2013.
- ARAÚJO, Samuel; GRUPO MUSICULTURA. Conflict and violence as conceptual tools in present-day ethnomusicology. Notes from a dialogical experience in Rio de Janeiro. *Ethnomusicology*, 50 (2), p. 287-313, 2006a.
- ARAÚJO, Samuel; GRUPO MUSICULTURA. A violência como conceito na pesquisa musical, reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré. *Transcultural Music Review*, v. 10; 2006b. Disponível em: <http://www.sibetrans.com/trans/articulo/148/a-violencia-como->

conceito-na-pesquisa-musical-reflexoes-sobre-uma-experiencia-dialogica-na-mare-rio-de-janeiro. Acesso em: 22 fev. 2020.

ARAÚJO, Samuel; GRUPO MUSICULTURA. Sound praxis: music, politics, and violence in Brazil. In: O'CONNELL, John Morgan; CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan (Orgs.). *Music and Conflict*, Urbana (IL/EUA): University of Illinois Press, p. 217-231, 2010.

ARAÚJO, Samuel; GRUPO MUSICULTURA. É permitido proibir: a práxis sonora da pacificação. *Revista Vórtex*, v. 3, p. 149-158, 2015.

ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar Leal. Música, linguagem e política: repensando o papel de uma práxis sonora”. *Terceira Margem* (Rio de Janeiro), v. 25, p. 211-231, julho/dezembro 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10803>> . Acesso em: 22 fev. 2020.

CAMBRIA, Vincenzo. Diferença: uma questão (re)corrente na pesquisa etnomusicológica? *Música & Cultura*, 3; 2008. Disponível em: <<http://www.abet.mus.br/musicaecultura/>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CARNEIRO. Sueli Aparecida. *A construção do outro com não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, 2005. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, 339p. Disponível em: <<http://bdpi.usp.br/single.php?id=001465832>> Acesso em: 22 fev. 2020.

DIRKSEN, Rebecca. Reconsidering Theory and Practice in Ethnomusicology: Applying, Advocating, and Engaging Beyond Academia. *Ethnomusicology Review*. v. 17, p. 1-35, 2012. Disponível em: <<https://ethnomusicologyreview.ucla.edu/printpdf/journal/volume/17/piece/602>> Acesso em: 22 fev. 2020.

DUQUE, Eduardo Antonio. O pulo do gato: reflexões de um pesquisador nativo sobre uma pesquisa-ação compartilhada. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GRUPO MUSICULTURA. Sound praxis: Music, politics, and violence in Brazil. In: O'CONNELL, John Morgan; CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan (Eds.). *Music and Conflict*, p. 217-231. Urbana, IL: University of Illinois Press; 2010.

GRUPO MUSICULTURA. Tendências e circuitos de consumo de música na Maré, Rio de Janeiro. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). *Nas bordas e fora do mainstream*. Novas tendências da Indústria da Música Independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011. p. 329–57.

HARRISON, Klisala. Epistemologies of applied Ethnomusicology. *Ethnomusicology*, 56 (3): p. 505- 529, 2012.

HARRISON, Klisala. The Second wave of applied Ethnomusicology. *MUSICultures*, 41 (1): p. 57- 72, 2014.

- HARRISON, Klisala; PETTAN, Svanibor. Introduction. In: HARRISON, Klisala; MACKINLAY, Elizabeth; PETTAN, Svanibor (Eds.). *Applied Ethnomusicology: Historical and contemporary approaches*. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Press, 2010. p. 1-20.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador, BA: Editora UFBA, 2016.
- LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de. Etnomusicologia no Brasil: reflexões introdutórias. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador, BA: UFBA, 2016. p. 21-45.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MENDONÇA, Pedro Macedo. *Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no sarau divergente: uma pesquisa-ação participativa*. Rio de Janeiro, 2018. 322f. Tese (Doutorado em Música). Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- MIGUEL, Ana Flávia. O que é o Musicultura? Um estudo de caso sobre um grupo de pesquisa participativa na Maré, Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Música – Programa de Pós-Graduação em Música – Escola de Música da UFRJ*. Rio de Janeiro, v. 31, n.2, p. 143-167, Jul./Dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/26284>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- MUNANGA, Kabengele. Nosso Racismo é um crime perfeito. *Revista Fórum*, 2012. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/revista/77/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- PETTAN, Svanibor. Applied Ethnomusicology in the global arena. In: TITON, Jeff; PETTAN, Svanibor (Orgs.). *Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 4-53.
- PETTAN, Svanibor. Applied Ethnomusicology and Empowerment Strategies: Views from across the Atlantic. *Muzikološki Zbornik/Musicological Annual* 44(1), p. 85–99, 2008. Disponível em: <<https://revije.ff.uni-lj.si/MuzikoloskiZbornik/article/view/3109/2826>>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, Londrina, v.25, n.39, p. 132-159, jul.-dez. 2017. Disponível em: (<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/726/501>). Acesso em: 8 fev. 2020.
- RICE, Timothy. Ethnomusicology in times of trouble. *Yearbook for Traditional Music*, 46, p. 191-209, 2014.
- SILVA, Sinesio Jefferson Andrade. *Memória dos sons e os sons da memória: uma etnografia musical da Maré*. Rio de Janeiro, 2009. 132f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Sinesio Jefferson Andrade. Memória musical como acontecimento: categorizando uma fala sobre o sonoro. *Música & Cultura* (Rio de Janeiro, Online), v. 7, p. 104-119, 2012. Disponível em: < <http://www.abet.mus.br/musicaecultura/> >. Acesso em: 22 fev. 2020.

SILVA, Alexandre Dias da. *A Maré no ritmo das ONGs: uma análise sobre o papel das oficinas de música das organizações não-governamentais do bairro Maré, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TITON, Jeff; PETTAN, Svanibor (Eds.). *Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology*. Oxford: Oxford University Press; 2015.

TITON, Jeff. Ethnomusicology and applied Ethnomusicology. In Jeff Titon and Svanibor Pettan (eds.). *Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 4-29.

XXX, XXX. XXX, 2018.

---

<sup>1</sup> O vídeo do link a seguir explica um pouco o que é a BATEKOO: <https://www.youtube.com/watch?v=sLbcNuelXC&t=545s>

<sup>2</sup> O texto de XXXX (2018) aponta a questão que denota o padrão racista e eurocêntrico do mundo acadêmico e a mentalidade colonizada de pessoas que são pareceristas em eventos científicos.

<sup>3</sup> Ver texto de Maria Aparecida Bento intitulado *Branquitude e Branqueamento no Brasil*. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>